

A MEMÓRIA MIDIÁTICA DA DITADURA CIVIL-MILITAR NO BRASIL E O DEBATE PÚBLICO POR MEIO DA SÉRIE “CHUMBO QUENTE” NO YOUTUBE (2014-2015)

LA MEMORIA MEDIÁTICA DE LA DICTADURA CIVIL Y MILITAR EN
BRASIL Y EL DEBATE PÚBLICO A TRAVÉS DE LA SERIE "PLOMO
CALIENTE" EN YOUTUBE (2014-2015)

THE MEDIATIC MEMORY OF THE CIVIL-MILITARY DICTATORSHIP
IN BRAZIL AND THE PUBLIC DEBATE THROUGH THE "CHUMBO
QUENTE" SERIES ON YOUTUBE (2014-2015)

DOI: 10.22481/rbba.v13i01.14804

Polliana Moreno dos Santos
Universidade do Estado da Bahia, Bahia, Brasil
ID Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5812477232199512>
ORCID: <https://orcid.org/0009-0005-2569-1797>
Endereço eletrônico: pollisan11@gmail.com

RESUMO

O estudo apresentado é parte de uma pesquisa a qual procurou investigar a memória midiática acerca da atuação da imprensa nos anos da ditadura civil-militar no Brasil, contida em Chumbo Quente, produção televisiva exibida em 2014, nos 50 anos do golpe civil-militar de 1964, produzida pelo Observatório da Imprensa, programa que era apresentado por Alberto Dines, intelectual do jornalismo brasileiro. Para tanto, buscou-se compreender como esta produção dialoga com uma memória já existente sobre esse período, bem como se insere no debate público entre críticos e defensores da ditadura à medida que seu conteúdo se expande para o formato das plataformas digitais. Desse modo, analisamos os comentários sobre a série no YouTube por meio da ferramenta Iramuteq de análise lexicográfica. O estudo constata uma compreensão difusa na interação dos internautas com a série no YouTube.

Publicado sob a Licença Internacional – CC BY

ISSN 2316-1205	Vit. da Conquista, Bahia, Brasil / Santa Fe, Santa Fe, Argentina	Vol. 13	Num.1	Jun/2024	p.149-171
----------------	------------------------------------------------------------------	---------	-------	----------	-----------

E, embora o programa tenha deixado de existir, a série permanece disponível nos meios digitais de modo a perpetuar esse conteúdo a um público amplo.

Palavras-chave: Memória midiática. Ditadura civil-militar. Chumbo Quente. YouTube.

RESUMEN

El estudio presentado es parte de una pesquisa que buscó investigar la memoria mediática sobre la actuación de la prensa en los años de la dictadura civil y militar en Brasil, presente en Plomo Caliente, producción de televisión exhibida en 2014, en los 50 años del golpe civil militar de 1964, producida por el Observatorio de la Prensa, programa que era presentado por Alberto Dines, intelectual del periodismo brasileño. Para tanto, se buscó comprender cómo esta producción dialoga con una memoria ya existente sobre ese período, así como se inserta en el debate público entre críticos y defensores de la dictadura a medida que su contenido se expande al formato de las plataformas digitales. De ese modo, analizamos los comentarios sobre la serie en YouTube por medio de la herramienta Iramuteq de análisis lexicográfico. El estudio constata una comprensión difusa en la interacción de los internautas con la serie en YouTube. Y, aunque el programa ha dejado de existir, la serie permanece disponible en los medios digitales a fin de perpetuar ese contenido a un público amplio.

Palabras clave: Memoria mediática. Dictadura civil y militar. Chumbo Quente. YouTube.

ABSTRACT

The study presented here is part of a research project that aimed to investigate the mediatic memory of the actions of the press in the years of the civil-military dictatorship in Brazil, portrayed in Chumbo Quente, a television production shown in 2014, on the 50th anniversary of the 1964 civil-military coup, produced by Observatório da Imprensa, a program which was hosted by Alberto Dines, a Brazilian journalism intellectual. For this purpose, we sought to understand how this production dialogues with an existing memory about this period, as well as how it fits into the public debate between critics and defenders of the dictatorship as their content expands to digital platforms. Therefore, we analyzed the comments on the series on

YouTube using the Iramuteq lexicographic analysis tool. The study reveals a diffuse understanding of internet users' interaction with the series on YouTube. And, although the program has ceased to exist, the series is still available on digital media in order to perpetuate this content to a wide audience.

Keywords: Mediatic memory. Civil-military dictatorship. Chumbo Quente. YouTube.

INTRODUÇÃO

Em 31 de março de 2024 completaram-se 60 anos do golpe civil-militar de 1964, que tirou do poder o presidente João Goulart e instaurou a ditadura última ditadura do passado recente do nosso país. Nesse momento estamos a presenciar as ocorrências de embates pela história e memória desse período, em meio às lutas contra o esquecimento¹.

O fato é que as efemérides de 1964 têm sido ocasiões propícias para o debate, em que os sujeitos históricos que viveram o período se posicionam, assim como os historiadores debatem na academia e finalmente também a mídia contribui para publicizar o evento, inscrevendo-o na memória. A esse respeito, vale destacar que a função de disseminar ou desconstruir memórias pelos meios de comunicação se torna mais sensível quando se trata de períodos de transição, aqueles referentes à passagem de regimes ditatoriais para a democracia. Nesses momentos assim como nas efemérides, a mídia atua nos embates e disputas, fazendo emergir distintas memórias.

Na conceituação de memórias produzidas midiaticamente destacamos os estudos dos pesquisadores da comunicação Victor Sampedro e Alejandro Baer (2003), para quem a memória cultural moderna é midiática e atua como moderador dos binômios democracia/ditadura, lembrança/pactos de esquecimento. E ela está sujeita ao imperativo da viabilidade econômica e, por isso, reflete a distribuição desigual de recursos para dar visibilidade ou mesmo processar versões distintas do passado e assim pode buscar o mínimo denominador comum que possa maximizar audiências. Portanto ela é composta na síntese de uma disputa de forças.

Por exemplo, na última efeméride, nos 50 anos do golpe de 1964, várias foram as produções com esse objetivo, a grande maioria foi produzida para a televisão, mas acabaram tendo seus conteúdos vinculados para o espaço das plataformas digitais, como o YouTube, onde

esses conteúdos não só permanecem como atualizam-se, assim como os telespectadores/internautas podem se posicionar, incorporando novas concepções ou reafirmando certas visões.

Desse modo, o objeto deste artigo é apresentar nuances do debate entre defensores e críticos da ditadura, por meio da série “Chumbo Quente”, documentário televisivo que foi produzido pelo programa “Observatório da Imprensa” da TV Brasil, o qual era apresentado pelo jornalista Alberto Dinesⁱⁱ, ícone do jornalismo brasileiro. A referida produção foi veiculada tanto na televisão quanto no espaço do YouTube. Em termos de conteúdo, os quatro episódios da série abordam o papel da imprensa brasileira no contexto de gestação do golpe e nos 21 anos da ditadura. Ademais, articula testemunhos que vivenciaram o período, jornalistas, historiadores, assim como uma iconografia e documentos da época, na intenção de compor um discurso histórico sobre esse período (ROSENSTONE, 2010).

Há que se destacar também na produção a atuação de Alberto Dines, como intelectual que viveu esse momento e o reconta na série, numa perspectiva também autobiográfica. Porém, a construção da memória a seu respeito passa também pelo enquadramento e, igualmente, os silenciamentos, principalmente aqueles que implicam em polêmicas que repercutiram no presente, quando esse passado é confrontado. É imprescindível também lembrar que Chumbo Quente foi criada e exibida entre 2013 e 2014, quando a Comissão da Verdade (Lei n. 12.528/2011) já havia iniciado seus trabalhos e, portanto, esse contexto também influenciou no seu conteúdo e veiculação. Vale lembrar que esses anos também foram marcados por uma turbulência no cenário político nacional que culminaram em eventos nefastos.

Em fins de outubro de 2014, próximo à conclusão dos trabalhos da CNV, Dilma Rousseff é reeleita para a presidência depois de uma campanha bastante acirrada, porém, não consegue dar continuidade ao seu mandato, que inclusive teve um início já conturbado, no qual a mesma, após enfrentar uma crise políticaⁱⁱⁱ, institucional, econômica, mas também inflamada por um forte apelo midiático, é retirada do poder por um processo de impeachment que começou em dezembro de 2015 e se concretizou em agosto de 2016^{iv}. O interessante é que durante esse decurso, nas manifestações pró e contra o governo Dilma Rousseff, posições ideológicas antagônicas também foram mobilizadas, com sentidos no presente e no passado recente. Isto é, no antagonismo entre direita e esquerda, capitalismo ou comunismo, evidenciou-se as interpretações do que foi a ditadura civil-militar de 1964.

Desse modo, houve as manifestações obtusas pedindo a volta dos militares, na tentativa de reerguer uma suposta ordem que os seus defensores afirmam veementemente ter existido. Como exemplo podemos citar as manifestações no ano de 2015, nas quais faixas eram erguidas com os seguintes dizeres: “Intervenção militar já”, “Queremos os militares novamente no poder”, “SOS Forças Armadas: nossa última chance”. Em qualquer imagem veiculadas nas notícias na TV ou na Internet sobre as manifestações de 2015 era possível ver faixas com esse teor. E mais adiante, na votação que deu prosseguimento ao Impeachment em 2016, quando o então deputado federal, militar reformado, hoje presidente eleito, Jair Bolsonaro profere um discurso horrendo em rede nacional, que chocou a opinião pública^v. Entretanto, essas manifestações, mais do que nos chocar, demonstram a página aberta e em disputa desse período da nossa história recente.

Dito isto, lembremos que Chumbo Quente é uma produção feita para a televisão e destinada ao público do programa Observatório da Imprensa, esse que, por sua vez, pertencia a uma rede pública de televisão. Sem desconsiderar essa característica, que nos remeteria a uma metodologia específica para analisar esse tipo de produto, levamos em conta o fato de que esta série também foi exibida simultaneamente nos meios digitais e, principalmente, no canal da TV Brasil no YouTube, o que ocorreu não somente no aniversário dos 50 anos do golpe em 2014, mas também em 2015, quando foi reexibida.

A veiculação no YouTube e o modo de funcionamento dessa plataforma digital, como por exemplo, poder identificar o número de visualizações e a possibilidade de que as pessoas possam fazer algum comentário, nos permite perceber o teor das discussões e a chave de leitura dos internautas para interpretar o conteúdo de Chumbo Quente, bem como interagir entre si, elogiando, discordando, explicando ou criticando. Outro ponto interessante é a possibilidade de a série ser transmitida em outros canais para além do seu veículo original, podendo expandir e atualizar este conteúdo no tempo e no espaço, circunscrevendo-o no âmbito da história pública sobre a ditadura.

Refletindo sobre o panorama dos estudos nacionais e internacionais no campo da história pública, o historiador Ricardo Santhiago (2016) aponta que esta área é permeada por vários sentidos que se entrelaçam. Assim, este pensa:

a história pública como uma área de estudo e ação com quatro engajamentos fundamentais, passíveis de entrecruzamento: a história feita *para* o público (que prioriza a ampliação de audiências); a história feita *com* o público (uma

história colaborativa, na qual a ideia de “autoridade compartilhada” é central); a história feita *pelo* público (que abarcaria a reflexividade e a autoreflexividade do campo). Essa tipologia ajuda a elucidar que *predominâncias e exclusividades* são coisas bem diferentes. (SANTHIAGO, 2016, p.28).

Portanto, a nosso ver, Chumbo Quente comporta alguns desses elementos, tanto pela produção quanto pela veiculação do seu conteúdo, isto é, trata-se de um documentário televisivo com intensões históricas, feito por jornalistas, com a participação destes e dos historiadores no sentido de atingir um determinado público, mas que amplia este mesmo conteúdo à medida que é transmitido nas mídias digitais, tendo ainda a possibilidade de interação dos internautas.

Desse modo, procuramos aqui apresentar primeiramente a análise sobre a repercussão da série no YouTube. Assim, analisamos aspectos da sua exibição cruzando informações sobre os dois momentos em que foi veiculada. O primeiro, em 2014, por ocasião dos 50 anos do golpe, a “data redonda”, segundo Alberto Dines. O segundo foi logo depois no ano de 2015, coincidindo com a conclusão dos trabalhos da Comissão Nacional da Verdade. Para ambos, consideramos o número de visualizações e uma síntese dos comentários feitos desde os anos das postagens até o início do ano de 2022^{vi}.

Na segunda parte desse artigo, demonstramos o debate público entre críticos e defensores da ditadura que ocorre à medida que os internautas interagem com o conteúdo da série, recorrendo à ferramenta Iramuteq, “Software gratuito e com fonte aberta, desenvolvido por Pierre Ratinaud (...), que permite fazer análises estatísticas sobre corpus textuais e sobre tabelas indivíduos/palavras” (CAMARGO e JUSTO, 2013). Desse modo, alguns desses resultados são representados graficamente por meio de “Nuvem” e “Arvore de palavras” relacionadas aos comentários analisados e que foram produzidos por esta ferramenta.

A EFEMÉRIDE E A REPERCUSSÃO DA SÉRIE NO YOUTUBE

No dia 01 de abril 2014, isto é, exatamente completando 50 anos do golpe civil-militar de 1964, o Observatório da Imprensa exibiu pela televisão o primeiro episódio de Chumbo Quente intitulado “Chumbo quente - 50 anos do golpe de 64”. Concomitantemente, a série foi postada em meios digitais, como o website da TV Brasil e o canal da rede no YouTube^{vii}. Quanto aos outros episódios, constatamos que há uma imprecisão para sabermos sobre as datas

em que foram ao ar pela TV e pelo YouTube em 2014^{viii}. Assim sendo, centramos nossa análise apenas nas visualizações do primeiro episódio.

Ressaltamos que, nesse contexto, toda a mídia estava mobilizada para noticiar, recriar, recontar os acontecimentos, ou seja, nos termos da historiadora Lucileide Costa Cardoso (2012), as batalhas da memória se instauravam em torno dos defensores e críticos da ditadura. Este primeiro episódio teve até o momento final de nossa coleta de dados 125.419 visualizações. Em janeiro de 2015, a série foi novamente reexibida pela televisão e simultaneamente postada no canal da TV Brasil no YouTube, desta vez completo, pois podemos encontrar todos os episódios. Era o momento posterior à divulgação do Relatório Final da Comissão Nacional da Verdade.

Dito isto, esta publicação do primeiro episódio, que foi feita em 2015, referente à sua reexibição em 06 de janeiro de 2015, no momento de nossa análise teve 31.316 visualizações, um número bem inferior se compararmos à exibição de 2014. Os episódios dois, três e quatro foram ao ar, respectivamente, em 13, 20 e 27 de janeiro de 2015. O segundo teve 24.166 visualizações, o terceiro 37.145 e o quarto 18.372. Ainda assim, somadas as visualizações de todos eles exibidos no ano de 2015, um total de 110.999, podemos notar que o primeiro episódio, postado “sozinho” no ano de 2014 foi mais visualizado. Entre os motivos podemos deduzir que o contexto do aniversário, os 50 anos do golpe influenciou na expectativa, curiosidade dos internautas sobre o conteúdo da série, uma vez que havia também naquele momento toda uma movimentação midiática tratando do tema.

Primeiramente, reconhecemos que a quantidade de visualizações, de todos os episódios, dos dois anos em que foram postados, é pequena, considerando o universo do YouTube, ainda assim eles continuam sendo vistos no canal oficial ou em canais de terceiros. No que pese as disputas de narrativas históricas e a necessidade de mais produções acadêmicas versadas na ciência histórica para o grande público, sobretudo no espaço desta plataforma digital, Odir Fontoura (2020) aponta que há uma demanda por esse tipo de produção. E, embora mesmo com vídeos cuja marca não ultrapassa 500 mil visualizações em seus canais oficiais, reconhece que a TV Brasil está entre os pouquíssimos canais públicos que aparecem em sua pesquisa com produções de conteúdo histórico e educativo. Dessa forma, compõe um grupo de vídeos e canais “[...] que procuram manter uma coerência com as narrativas acadêmicas ou científicas” (FONTOURA, 2020, p.49).

Por sua vez, no que diz respeito aos contextos e à quantidade de comentários nos espaços de Chumbo Quente no YouTube, ficou notório para nós que os 50 anos do golpe incidiram no engajamento dos internautas. Desse modo, no momento de nossa coleta de dados, enquanto o primeiro episódio exibido em 2014 tem 250 comentários, sendo o mais antigo feito em 2014 e o mais recente no final ano de 2021, todos os outros episódios juntos, publicados em 2015, têm 149 comentários. Aqui contamos todos os comentários listados pela plataforma, portanto, não temos como aferir os comentários feitos por robôs.

Se o contexto das exibições repercutiu nas visualizações e na quantidade dos comentários, terá da mesma forma atuado no teor destes, bem como nas interações feitas entre espectadores? Além dos conteúdos dos episódios, quais outros fatores incidem sobre o que é dito? Analisemos alguns aspectos dessa questão.

A SÉRIE E O DEBATE PÚBLICO: ENGAJAMENTO DE CRÍTICOS E DEFENSORES DA DITADURA

Para pensar no teor dos comentários que são feitos no espaço do canal da TV Brasil no YouTube na interação dos internautas com a série Chumbo Quente, refletimos sobre o modo como as pessoas se relacionam nesse novo espaço de comunicação. Desse modo, nos aproximamos das proposições de Marialva Barbosa (2012) quando sugere que os estudos no âmbito da História e da Comunicação sejam centrados nas interações, apropriações que os homens fazem da comunicação, bem como a repercussão dessas práticas nas relações humanas. Nesse sentido,

Produzir uma interpretação na direção de uma história é falar num mundo que mistura modos de comunicação. Misturas nas práticas, na forma como subsistem numa mesma época processos diversos que fazem com que um suporte possa conter variados modos de comunicação. (BARBOSA, 2012, p.477).

Assim, levando em consideração esta “mistura de modos de comunicação” apontada pela autora supracitada, faz-se necessário ponderar sobre o tipo de interação que ocorre entre telespectadores de um determinado produto televisivo/midiático em meios digitais.

Segundo Dayse Maciel de Araújo (2014), não se pode negar que a partir do surgimento das redes sociais os telespectadores passaram a ter um novo espaço para se expressarem. Também para ela, “[...] na atualidade, a produção e o consumo de narrativas audiovisuais na

internet ganharam largo espaço. Dessa forma, o que é ‘postado’ no YouTube recebe novos significados e experiências de consumo [...] (ARAÚJO, 2014, p.107). Uma delas é a possibilidade de que indivíduos possam interagir com outras pessoas com as quais não convivem cotidianamente, instantaneamente ou mesmo bem posteriormente, num tempo difuso, colocando suas opiniões, compartilhando dados e informações, elogiando ou criticando, atacando ou defendendo.

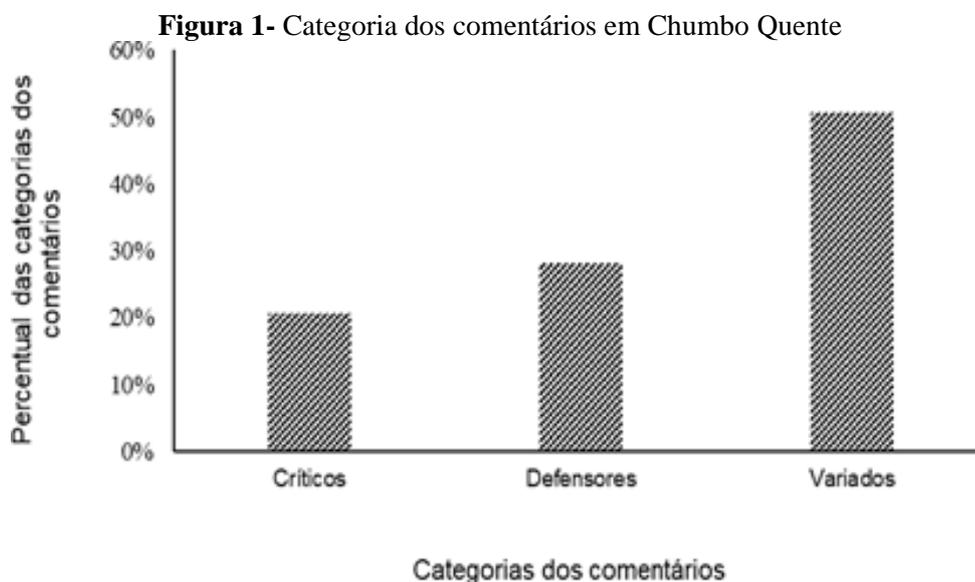
Dito isto, tendo em vista a quantidade dos comentários, para compreender o seu teor, optamos por fazer uma análise geral destes, isto é, somando todos os comentários de todos os episódios postados em 2014 e 2015 e comentados até o início de 2022, o que dá um total de 399 comentários ao todo. Desse total, uma parte são as interações entre os próprios internautas. Por outro lado, pelo próprio modo de funcionamento do “Iramuteq”, filtramos e retiramos uma quantidade de 100 comentários que não serviam para a análise^{xii}.

Sobre os perfis que fazem os comentários, ressaltamos que não é possível saber exatamente o nível de escolaridade ou a profissão das pessoas que os utilizam, embora alguns poucos o digam, se identificando como economista, professor ou policial. Igualmente, tampouco podemos dizer precisamente se são homens ou mulheres, suas idades, nem mesmo se o que está por trás do comentário é um algoritmo robô, embora haja perfis que indiquem serem masculinos ou femininos e aqueles que indicam suas idades por meio dos comentários, por exemplo, como quando o internauta diz que viveu “naquela época” ou “era criança naquele período”.

Também a quantidade de comentários, como já foi dito, é pequena, considerando o âmbito do YouTube. No entanto, o que buscamos, de modo geral, é uma indicação sintética e introdutória do modo como os internautas interagem com Chumbo Quente, suas reações à série, as quais podem ser similares às interações com outros produtos midiáticos sobre a ditadura, principalmente nesta plataforma, onde o espaço é aberto e qualquer pessoa pode se posicionar no debate público.

Nesse sentido, o ponto de partida foi compreender a interação direta dos internautas com Chumbo Quente, se havia elogios, críticas, acréscimo de informações, dentre outros. A esse respeito percebemos que a referência à série é muito mais indireta, ou seja, uma parcela grande do engajamento procurou muito mais se posicionar nos campos entre os que defendem ou criticam a ditadura e o fazem de várias maneiras, revelando um embate ideológico. Outro ponto são os comentários que classificamos como variados, que são aqueles que não se enquadram

diretamente como defensores ou críticos. Essa divisão dos comentários e a porcentagem aparecem no gráfico abaixo:



Fonte: Elaborado pela pesquisadora (2022).

Primeiramente, podemos perceber que em termos de engajamento 21% dos comentários se posicionaram como críticos da ditadura, nesse caso se referindo elogiosamente a Chumbo Quente ou então criticando os militares. Por sua vez, 28% dos comentários se situaram como defensores da ditadura, estes criticando Chumbo Quente ou enaltecendo os militares. E, por último, vemos que 51% dos comentários estão entre os variados, isto é, aqueles que não estão nem como críticos nem como defensores diretos, mas são compostos por matizes, gradações, se situando numa espécie de zona cinzenta. Portanto, podem posicionar-se em outros campos ou mesmo serem completamente difusos.

Quanto ao conteúdo desses engajamentos, o que apresentamos aqui são reflexões que partiram do levantamento lexicográfico, representado nos modelos gráficos produzidos pelo *software* Iramuteq. Esta ferramenta permitiu a seleção de classes e grupos de palavras e a frequência com que se relacionam umas às outras. Desse modo, optamos pelo levantamento dos substantivos (comuns e próprios), adjetivos, verbos e selecionamos dois modelos de representação gráfica dessa listagem, feitos também pelo software. Assim sendo, em nosso primeiro levantamento sobre as palavras que mais aparecem nos comentários, obtemos o seguinte o seguinte resultado:

ligam a poucos ou um único termo e não se ramificam. E, por fim, as palavras que se conectam, mas aparecem separadas da Árvore como dívida e externo, força e armado correspondem a termos os quais, embora também sejam mais citados, não estiveram inseridos no mesmo contexto daqueles que aparecem na Árvore.

Em relação ao conteúdo dos comentários, apresentamos alguns exemplos de como se situam, levando em consideração principalmente a indicação e a relação entre as cinco palavras mais citadas: militar, comunista, ditadura, golpe, Brasil e o posicionamento dos engajamentos a partir da interação direta ou indireta com “Chumbo Quente”. Assim, dentre as três categorias dos comentários, classificados por nós, ou seja, “críticos da ditadura, defensores e aqueles considerados como variados”, selecionamos quatro exemplos. Ressaltamos que os comentários aparecem tal como são redigidos no YouTube, portanto, preservamos a escrita original, com abreviações, possíveis incorreções ortográficas e gramaticais, bem como o ano em que foram postados.

Desse modo, entre os comentários que se situaram como críticos da ditadura selecionamos aqueles que se dirigiam direta ou indiretamente à série no sentido de elogiar seu conteúdo, parabenizar a equipe do OI ou aqueles que criticavam os militares, o golpe, a ditadura etc. Vejamos os exemplos de 1 a 4:

Ex. 1: Excelente, traz inúmeros pontos de vista, os bastidores, traz à luz muitos personagens que agiram nas sombras das luzes, veículos de comunicação que tiveram papel preponderante para o golpe obter êxito (2015).

Ex. 2: Observatório da Imprensa tá de parabéns por essa riquíssima discussão sobre a Ditadura Militar. O Jornalista Alberto Dines deixou um grande legado. Parabéns a TV Cultura^{xiv} (2021).

Ex. 3: O que os militares fizeram foi tentar legitimar seu governo com uma eleição indireta, não houve eleições gerais, não houve voto popular, os militares tentaram manobrar a Democracia, na tentativa de legitimar a ditadura, sendo que esta foi totalmente ilegítima, tanto como eles chegaram ao poder, bem como permaneceram (2017).

Ex. 4: A imprensa, inclusive Dines, ajudaram a derrubar Jango que contava com altíssima popularidade, segundo pesquisas de opinião da época. Em pouco tempo, através de capas dos jornais alarmistas, estimularam e legitimaram o golpe contra Jango, porque temiam as reformas e,

especialmente temiam os movimentos populares organizados. O que se fez depois disto, sob o regime militar, foi entregar o Brasil aos norte-americanos e suas empresas, ao arrocho dos trabalhadores, ao jugo dos coronéis e dos patrões, a corrupção da classe política sob a ditadura e enriquecimento das construtoras com obras faraônicas. E ninguém podia se queixar ou denunciar, pois poderia ir preso, ser torturado ou simplesmente desaparecer do mapa (2018).

Nesse grupo de comentários abarcando o elogio à série e a crítica aos militares, é reafirmado o entendimento de que no Brasil houve uma ditadura, que esta foi imposta após o golpe de 1964, que na mesma houve corrupção e danos ao Brasil. Já o termo comunista praticamente não aparece nos comentários de críticos à ditadura. Curiosamente, o nome de Dines aparece ambigualmente nos exemplos 2 e 4, ocupando posições distintas. No Ex.2, no comentário que elogia a série, ele é reconhecido como um jornalista que deixou um importante legado. Já no segundo, em que há uma crítica direta à ditadura, seu nome é lembrado como alguém que, sendo da imprensa, contribuiu para a queda do presidente João Goulart.

Atribuímos que esta ambiguidade, refletida nos comentários, se deva ao fato do jornalista Alberto Dines, em que pese toda a sua atuação ao longo da vida, na defesa do bom jornalismo como elemento chave para a democracia, ter sido editor-chefe do Jornal do Brasil, veículo que sabidamente fez oposição ferrenha ao governo João Goulart compondo a chamada “Rede da Democracia” (CARVALHO, 2010), juntamente com outros jornais. As investidas do jornal são claramente demonstradas em “Os Idos de Março e a Queda em abril”, livro-reportagem, primeiro registro memorialístico sobre os fatos que se dão entre do dia 13 de março até 15 de abril, publicado em maio de 1964, organizado pelo jornalista citado. O livro, suas intenções, repercussões foram objeto da pesquisa histórica (AMADO, 2007, 2008) e justamente no contexto dos 50 anos foi retomado como centro de debates polêmicos entre Dines e outros intelectuais (SANTOS, 2022).

Por sua vez, entre os que se posicionaram como defensores, primeiramente estão àqueles que interagiram direta ou indiretamente com Chumbo Quente, no sentido de crítica ou mesmo ataques ao OI, à TV Brasil e/ou aos entrevistados e entraram na defesa direta dos militares e do regime. Veja os exemplos de 5 a 8:

Ex. 5: APRESENTADOR, HISTORIADORES e TV BRASIL alienada ao governo, tudo comunista! na verdade, é um canal só para agradar comunistas. e o motivo do golpe? sobre os guerrilheiros, cuba, soviéticos e outros

comunistas? viva o EUA seus velhos toscos (sic), o governo queria dar um golpe no país seus "apedeutas"! (2017).

Ex. 6: Se é que pode se chamar assim de documentário, são blá blá, sem mostra de fatos. é documentário produzido por comunista. por que não fala dos comunistas e terroristas que tentaram tomar o poder pela força e desinformando o povo sem formação educacional e banguelas... esse é um documentário geminiano. bandidos que tentam desqualificar o papel constitucional das forças armadas brasileira. Fora comunistas (2017).

Ex. 7: Concluo que o que houve foi um apoio inicial a tomada do poder pelos militares, porém os políticos queriam tomar o poder de volta através de novas eleições. Entretanto como a baderna e a pressão para instituição do comunismo eram muito grandes, eles resolveram ficar no poder por mais tempo. Pra muita gente pode ter sido ruim, mas acho que foi um remédio amargo necessário. A cobiça política e ideológica estava atrasando o crescimento do Brasil (2017).

Ex. 8: Graças aos nossos heróis militares o Brasil não virou um LIXÃO como Cuba!!! João Goulart comunista golpista!!! O CONTRA-GOLPE foi necessário para limpar o País das garras desses porcos malditos comunistas!!! Os mesmos que foram presos e cassados, hoje estão assolando e destruindo os cofres públicos e o País!!!Cambada de vermes FDP!!! Viva os nossos heróis militares!!! Viva nossas FAAS!!!BR. (2018).

Neste grupo de comentários nota-se primeiramente o uso de algumas palavras inteiramente grafadas com letras maiúsculas, recurso comum nas plataformas digitais para destacar, enfatizar, dar força ao que é dito, não importa qual seja o termo^{xv}. Assim, quando o golpe não é negado completamente, o termo pode estar associado a “CONTRAGOLPE”, como no exemplo 8, para reafirmar a narrativa bastante comum aos discursos negacionistas de que “houve o golpe em 1964, mas para evitar o suposto golpe comunista” no Brasil.

Embora a palavra ditadura não apareça nesses comentários, em termos gerais, no grupo dos defensores ela tanto pode ser afirmada, comparada como um remédio amargo, que foi necessário, como no exemplo 7, quanto pode aparecer negada por afirmativas de que “não houve ditadura militar e sim regime”. Por sua vez, o termo comunista aparece muito frequentemente nestes comentários e, quando não de modo pejorativo, se torna a própria ofensa em si. Ou seja, chamar o outro de comunista é uma forma de colocá-lo do lado inimigo como aquele que deve ser combatido, como bem demonstra Rodrigo Pato Sá Motta (2006) em seus estudos sobre o anticomunismo. Logo, como vemos nos exemplos 6, 8 e 9, a imprensa, a TV Brasil, os jornalistas, bem como João Goulart, são chamados de comunistas. Também é comum

nos comentários o termo comunista ser usado para caracterizar aqueles que de algum modo pensam diferente, demonstrando que muitos não compreendem o conceito.

Por sua vez, registramos o grupo dos comentários que não puderam ser incluídos diretamente na categoria dos críticos nem na categoria dos defensores e, portanto, os conceituamos como variados. Nesse grupo, primeiro estão aqueles que aparentemente são completamente difusos, alheios ao espaço da plataforma ou muito imprecisos para serem interpretados, a exemplo de determinadas ironias, as quais não se sabe a quem são dirigidas. Em segundo, nesse rol encontram-se comentários que enfatizam sobremaneira o contexto presente no qual ocorre o engajamento, por exemplo, daqueles que se referem diretamente ao *impeachment* da presidente Dilma Rousseff, ao PT, ao ex-presidente Lula, à eleição de 2018 e ainda assim podem trazer elementos do passado para referendar indiretamente sua posição como críticos ou defensores. Em terceiro, destacamos nesse grupo os comentários que podem elogiar Chumbo Quente, mas criticar o seu conteúdo; se posicionar a favor dos militares, mas elogiar a série; criticar Chumbo Quente e criticar a ditadura, ou seja, apresentam mais matizes para além do contra ou a favor. Alguns deles, de algum modo, problematizam a narrativa sobre a ditadura, sob pontos de vista variados. Observemos os exemplos de 9 a 12:

Ex. 9: Assistindo a esse episódio concluo que uns falavam que Jango com suas reformas trariam o comunismo, outros que sua falta de firmeza para com as revoltas militares antes do Golpe trariam o caos. COMO ele poderia estar tão distante de ter o controle e ter controle nenhum sendo ainda uma ameaça ao Brasil? (2015).

Ex. 10: Achei vários outros problemas no documentário. A impressão que passa em alguns momentos é de querer livrar a cara daqueles que em um primeiro momento apoiaram o golpe, como indivíduos que apenas queriam o restabelecimento da ordem. Ora, mas que ordem? Só se for a velha ordem na qual a democracia só é defendida quando disputada por setores de direita, e quando alguém de mentalidade progressista chega ao poder é justificável que seja derrubado (2017).

Ex. 11: O documentário é muito bom, mas parcial. Existe um paternalismo em relação aos radicais que pegaram em armas e provocaram o acirramento dos ânimos, e deram força para a chamada "Linha Dura" se manter no poder. [...]. Olhando os filmes e lendo os livros de ambos os lados, percebo que existe uma demonização dos militares sempre pela classe artística e jornalística, os mais afetados, mas o povo comparecia espontaneamente em massa em todos os desfiles de 7 de setembro, ou em eventos mais populares como um jogo no Maracanã, em que o Médici foi aplaudido. Não defendo nenhum extremo, e o certo para mim, seria uma anistia para quem cumpriu seu dever cívico sem

fazer uso da tortura, e quem depôs as armas sem participar diretamente de nenhum crime previsto em lei. (...) ^{xvi} (2018).

Ex. 12: Falou tudo, mas poucos percebem isso. Outra coisa que foi inventado e descoberto recentemente; Jango tinha amplo apoio da sociedade. Para mim, ele foi vítima da Guerra Fria, era um nacionalista que deu muita corda pra esquerda. Ele próprio sempre afirmou que não tinha ligações com o Comunismo (2019).

Como uma amostra de parte dos comentários variados, os engajamentos que destacamos acima, de modos distintos, contestam determinadas versões sobre o golpe e a ditadura. No exemplo 9, o internauta, a partir do conteúdo do episódio, problematiza as versões sobre as motivações do golpe, tendo em vista as narrativas sobre o presidente João Goulart. No exemplo 10, a série é criticada e o internauta levanta uma hipótese sobre os possíveis objetivos do seu conteúdo, o qual, na sua percepção, poderia ser justamente atenuar a participação da imprensa no golpe, principalmente dos jornalistas que mudaram de lado. No exemplo 11, embora seja antecedido de um elogio, há também uma crítica veemente, por motivos opostos ao exemplo anterior, pois, nesse caso, o internauta julga que o conteúdo da série é parcial, em favor da esquerda.

Já no exemplo 12, o internauta não se refere ao conteúdo da série em si, mas traz elementos que se opõem à versão de que o golpe ocorreu porque o presidente João Goulart não tinha apoio popular. Também no grupo de comentários considerados variados os internautas traziam informações que consideraram pertinentes para serem adicionadas, como links de outros vídeos e livros. De modo geral, as referências aos militares, à ditadura e ao golpe neste grupo aparecem com sentidos diferenciados, entre a afirmativa, a negação, o elogio e, como já dito, há muitas referências ao contexto presente. No entanto, o termo comunista continua com a mesma conotação negativa que foi percebido no grupo dos comentários classificados como defensores da ditadura.

Outro ponto notado diz respeito à forma peculiar como muitos internautas interagem entre si na plataforma da TV Brasil. Por exemplo, em várias interações, tanto entre críticos, defensores da ditadura ou mesmo entre os comentários variados os internautas recomendam uns aos outros literalmente que “vão estudar!”, isso se refere ao golpe, ao regime, à ditadura ou outros temas. Como é demonstrado em alguns dos exemplos acima, essa recomendação muda o tom e vai ao extremo do ataque ofensivo usando termos como: “FDP, apedeutas, toscos”, mas também outros como “burros, idiotas, simplórios, tapados”.

Esse aspecto não é incomum em comentários e interação em vídeos sobre a ditadura nos quais ocorrem disputas das narrativas pelo passado. Como observa Dayse Maciel de Araújo (2014), possivelmente por se tratar de um passado muito recente, internautas podem se posicionar muito mais dirigidos aos interesses políticos do presente e, frequentemente, recorrer à ofensiva. A pesquisadora observa que “[...] as interpretações reforçam as ‘batalhas’ pela memória preocupando-se mais em defender ou desqualificar o sujeito enunciatário do que a compreender a história oral como um processo de construção histórico-social” (ARAÚJO, 2014, p. 14).

Por fim, como já colocamos anteriormente, Chumbo Quente se encontra nos termos de uma história pública em difusão. E embora seja produzida por um canal que, em termos de acesso ainda seja pequeno, observamos um outro movimento, já assinalado por Fontoura (2020), que é sua propagação, mesmo que pequena, para além do canal oficial da TV Brasil, sendo exibida por outros três canais do YouTube: “Fernando Moura Peixoto”, “Tamuia Ateu Ita” e a mais recente no canal TV Câmara JP (TV Câmara de João Pessoa). Neste último, pertencente ao canal público da TV Câmara de João Pessoa^{xvii}, Chumbo Quente teve 12.679 visualizações. Também nesses canais, a produção aparece em formatos diferentes: os episódios separados, todos juntos ou fracionada em pequenas partes com cerca de 10 minutos cada. Ainda que sejam canais de baixa audiência, eles indicam que de algum modo há uma atualização do conteúdo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Inicialmente, temos que ressaltar que a realização deste trabalho exigiu de nossa parte um olhar interdisciplinar do começo até o final de sua realização. Assim, o estudo abarcou pressupostos da história, da área da comunicação e da memória. Igualmente, esses campos também nos levaram a fontes distintas: desde o próprio audiovisual que é Chumbo Quente; contatos pessoais do jornalista Alberto Dines e a equipe do programa Observatório da Imprensa; escritos de toda natureza produzidos por este intelectual; escritos de outros sobre ele; notícias de jornais, documentos, etc. E, por fim, as fontes oriundas dos meios digitais e suas interações. Todas elas nos ajudaram a compor esse mosaico interpelado pelo passado e pelo presente na compreensão do problema.

Ademais, diante disso nos remetemos a pensar em como o tempo do jornalista se torna defasado, principalmente ao confrontar-se com a mega rapidez das redes sociais. Assim, o Observatório e a figura de Alberto Dines são exemplos desse confronto, dessa atitude de inovar, acompanhar esse ritmo, mas manter a essência. Assim, também os especiais históricos do OI e Chumbo Quente são representativos dessa vontade de elaborar uma versão sobre o que aconteceu e mostram que sim, jornalistas podem fazer uma história pública séria, problematizada que vem para acrescentar, contribuir e que vai completamente na contramão da historiografia revisionista feita por determinados meios, como, por exemplo, as produções feitas pelo canal *Brasil Paralelo* e outros equivalentes.

Nesse caso, considerando o número de visualizações que a série Chumbo Quente tem no Youtube, é notório que mesmo tendo essa qualidade de conteúdo, há ainda um longo caminho a ser percorrido para que a série seja mais conhecida nesse campo. Ainda assim, foi possível verificar que as interações dos internautas mobilizam conteúdos do debate público entre críticos e defensores do regime, o que, ao nosso ver, justificaria mais ainda uma maior veiculação de um conteúdo com o teor de aprofundamento que se dá nesta produção do Observatório.

A respeito dos comentários dos internautas sobre a produção, foi notório que, de modo geral, a chave de leitura e compreensão destes está muito mais centrada em se posicionar como críticos ou defensores do regime pautados, principalmente, no presente. Acrescentado a isso foi inquietante identificar a quantidade de comentários considerados variados, que com poucas exceções revelam uma compreensão difusa, e que esses representam mais da metade dos engajamentos. Por outro lado, também nos impressiona que quase um terço dos comentários tenha sido de defesa da ditadura. No entanto, reconhecemos que pesquisas nesse campo são ainda bem recentes, portanto, supomos que uma análise mais ampliada que associe também comentários dos internautas sobre outras produções do mesmo gênero e/ou gêneros distintos, mas que tratem dos anos da ditadura civil-militar no Brasil, possa ampliar esse panorama.

Completados os 60 anos do golpe de 1964, embora já tenhamos o espectro dos embates que estão se dando pela memória, ainda é muito cedo para uma avaliação mais profunda do contexto. No tocante à série Chumbo Quente, seu conteúdo como história pública e atualização no YouTube, nota-se que, embora pequeno, houve um aumento dos comentários, inclusive sendo os mais recentes feitos até meados de abril de 2024, indicando que houve uma procura por este conteúdo nesta nova efeméride dos 60 anos. Por sua vez, no tocante ao teor do debate,

este ainda é o mesmo apontado por nossa análise, ou seja, termos como golpe, contragolpe, comunista, ainda aparecem dando a tônica entre defensores e críticos da ditadura que continuam se posicionando na plataforma digital. E por tudo que já foi dito em relação a esta produção esperamos que o acesso a seu conteúdo possa ser ampliado ainda mais, sendo exibido em outros canais e tendo seu acesso também ampliado no canal da TV Brasil.

REFERÊNCIAS

Vídeos

CHUMBO QUENTE (partes 1, 2 3 e 4). **Programa Observatório da Imprensa**. TV Brasil. 2014. Acesso em: 13 jan. 2017. Links:

Episódio 01 - <https://tvbrasil.ebc.com.br/observatorio/episodio/chumbo-quente-50-anos-do-golpe-de-64-parte-1>;

www.youtube.com/watch?v=x3LJYYKaw2s&t=1s;

Episódio 02: www.youtube.com/watch?v=5ras3C0wA9o&t=134s;

Episódio 03: www.youtube.com/watch?v=-8DLidPG49g&t=69s;

Episódio 04: <https://tvbrasil.ebc.com.br/observatorio/episodio/chumbo-quente-iv>;

Episódio 04: www.youtube.com/watch?v=mxMTa8dykDQ&t=1167s

Artigos, livros e teses

AMADO, João. **Da redação do Jornal do Brasil para as livrarias: os idos de março e a queda em abril, a primeira narrativa do golpe de 1964**. 2008. 246 f. Dissertação (Mestrado em Filosofia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

AMADO, João. Os jornalistas e o golpe de 1964. **Observatório da Imprensa**. Marcha do Tempo. 2007. Disponível em: <http://www.observatoriodaimprensa.com.br/marcha-do-tempo/os-jornalistas-e-o-golpe-de-1964/> Acesso em: 14 jan. 2020.

ARAÚJO, Dayse M. de. Memória e história: o caso da telenovela Amor e Revolução. **Revista Brasileira de História da Mídia** (RBHM), v. 3, n. 2, p.101-117. jul/dez/2014.

BARBA. M. D., WENTZEL, M. Discurso de Bolsonaro deixa ativistas ‘estarcidos’ e leva OAB a pedir sua cassação. **BBC News Brasil**, São Paulo e Basileia (Suíça), 19 abr. 2016.

Disponível em: https://www.bbc.com/portuguese/noticias/2016/04/160415_bolsonaro_ongs_oab_mdb. Acesso em: 25 mai.2019.

BARBOSA, Marialva. Cenários de transformação: Jornalismo e História no século XX. **Revista Famecos, mídia, cultura e tecnologia**. Porto Alegre, v. 19, n. 2, p. 458-480, maio/ago. 2012.

CAMARGO, Brigido V. JUSTO, Ana Maria. **Tutorial para uso do software de análise textual Iramuteq**. Laboratório de Psicologia Social da Comunicação e Cognição – LACCOS. Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil, 2013. 18 p. Disponível em: <http://www.iramuteq.org/documentation/fichiers/tutoriel-en-portugais>. Acesso em: 12 de jan. 2022.

CARDOSO, Lucileide Costa. **Criações da memória: defensores e críticos da Ditadura (1964-1985)**. Cruz das Almas, BA: Editora UFRB, 2012. 248 p.

CARVALHO, Aloysio Castelo de. **A Rede da Democracia: O Globo, O Jornal e Jornal do Brasil na queda do governo Goulart (1961-64)**. Niterói, RJ: Editora da UFF, 2010. 238 p.

FERNANDES, T.; URIBE, G. Bolsonaro determinou 'comemorações devidas' do golpe de 1964, diz porta-voz. **Folha de S. Paulo**, São Paulo, 25. mar. 2019. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/poder/2019/03/bolsonaro-determinou-comemoracoes-devidas-do-golpe-de-1964-diz-porta-voz.shtml>. Acesso em: 15 abr. 2019.

FONTOURA, Odir. Narrativas históricas em disputa: um estudo de caso no YouTube. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 33, n. 69, p. 50-63, jan./abr. 2020.

MOTTA, Rodrigo Patto Sá. O ofício das sombras. **Revista do Arquivo Público Mineiro**. Belo Horizonte, MG, ano XLII, n. 1, p.53-70. jan/jun. 2006.

ROSENSTONE, Robert A. **A história nos filmes os filmes na história**. Tradução Marcello Lino. São Paulo: Paz e Terra, 2010. 264 p.

SAMPEDRO, Víctor; BAER, Alejandro. El recuerdo como olvido y el pasado extranjero. Padres e hijos ante la memoria histórica mediatizada. **Revista de Estudios de Juventud**. “Número especial: Jóvenes, Constitución y cultura democrática”. Espanha, p. 93-108, 2003.

SANTHIAGO, Ricardo. Duas palavras, Muitos significados: alguns comentários sobre a História Pública no Brasil. In: MAUAD, Ana Maria; ALMEIDA, Juniele Rabêlo de.; SANTHIAGO, Ricardo (Org). **História Pública no Brasil. Sentidos e Itinerários**. São Paulo: Letra e Voz, 2016. Cap. 1. p 23-35.

SANTOS, P.M.D. **A memória midiática nos 50 anos do golpe de 1964: Alberto Dines, “Chumbo Quente” e o Observatório da imprensa**. 2022.286 f. Tese (Doutorado em História) - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador.

NOTAS

ⁱ Dois exemplos marcam essa disputa, só a título do governo federal. Se entre os anos de 2018 a 2022, a data foi alvo de polêmicas no então governo Bolsonaro, justamente pelas publicações das chamadas *ordens* do dia, lançadas pelo Ministério da Defesa em favor da ação dos militares em 1964, em 2024, justamente com a proximidade dos 60 anos, e mesmo depois do forte ataque à sede dos três poderes no chamado “8 de janeiro” de 2023, a indicação do governo Lula foi então evitar solenidades oficiais em memória a data, tanto pelas Forças Armadas, quanto pelo Ministério dos Direitos Humanos, causando também estranhamento nas comunidades de vítimas, familiares, meios acadêmico e outros.

ⁱⁱ Para maiores informações sobre a trajetória de Alberto Dines sugerimos a leitura do segundo e terceiro capítulo do trabalho intitulado “A memória midiática nos 50 anos do golpe de 1964: Alberto Dines, “chumbo quente” e o observatório da imprensa”, tese da autora desse artigo, defendida no Programa de Pós-graduação em História da Universidade Federal da Bahia (UFBA) no ano de 2022, citada nas referências. Dines faleceu em 2018, aos 86 anos.

ⁱⁱⁱ O ano de 2013, por exemplo celebrou as chamadas “Jornadas de Junho” em que um movimento de cunho popular pelo barateamento dos transportes públicos, iniciado em São Paulo e expandindo-se a nível nacional, acabou também agregando o fortalecimento de movimentos de extrema direita. Já o ano de 2014, celebrou a criação da “Operação Lava Jato” para investigar esquemas de corrupção na Petrobrás e que cometeu inúmeras irregularidades, arbitrariedades com fins de uso político.

^{iv} Em síntese o impeachment se iniciou no final de 2015, quando o então presidente da Câmara dos Deputados Eduardo Cunha, que estava prestes a enfrentar um processo no Conselho de Ética, deu prosseguimento a um pedido dos juristas Hélio Bicudo, Miguel Reale Júnior e Janaína Paschoal, em que os mesmos alegaram que a então presidente havia cometido crime de responsabilidade pela prática das chamadas “pedaladas fiscais” e pela edição de decretos de abertura de crédito sem a autorização do Congresso. O caso durou 273 dias e teve como resultado a cassação do mandato, mas sem a perda dos direitos políticos de Dilma Roussef. O processo e seu desfecho foram classificados pela presidente e seus aliados como um golpe, o mais recente do período republicano. Informação no site da Agência Senado.

^v Com as seguintes palavras: “Perderam em 64, perderam em 2016, pela família e pela inocência das crianças em sala de aula, que o PT nunca teve, contra o comunismo, pela nossa liberdade, contra o Foro de São Paulo, ‘pela memória do Coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Roussef’, pelo exército de Caxias, pelas nossas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, meu voto é sim” (grifo nosso). O discurso culminou em pedidos de cassação do seu mandato, mas que não se efetivaram e incorreram em novas manifestações. Por exemplo, em 2018 quando ainda não era oficialmente candidato, em sua página do Facebook divulgou um vídeo em que aparecia uma faixa com os dizeres: “O 7 de Setembro nos deu a independência e o 31 de março, a liberdade”. Informação no site da BBC e do jornal Folha de S. Paulo.

^{vi} A obtenção dos dados foi feita no dia 28 de fevereiro de 2022.

^{vii} O canal foi criado em julho de 2006 e conta com 2 milhões e 18 mil inscritos.

^{viii} Não podemos afirmar os motivos, mas no site da TV Brasil só aparece noticiada a exibição do segundo episódio, dia 20 de maio de 2014. Não encontramos informações sobre a data em que o terceiro episódio foi ao ar pela TV no ano de aniversário do golpe, bem como não encontramos postagens dos dois no YouTube em 2014. Por sua vez, o quarto episódio, que não é parte do documentário, mas uma espécie de fechamento com um debate entre o jornalista Chico Otavio e o historiador Carlos Fico, foi gravado em 19 de novembro de 2014 e só foi ao ar em 27 de janeiro de 2015.

^{ix} Segundo o pesquisador, a TV Brasil, juntamente com a Nova Escola e a Univesp (Universidade Virtual do Estado de São Paulo), “Foram os únicos canais oficiais públicos que apareceram na pesquisa com vídeos sobre história da educação que, em seus respectivos canais oficiais, correspondem a pouco mais de 2% de todos os vídeos analisados. (FONTOURA, 2020, p. 50-51).

^x Concluída em fevereiro de 2022.

^{xi} O primeiro com 24, o segundo 34, o terceiro com 63 e o quarto com 28.

^{xii} Por exemplo comentários repetidos ou que não tinham palavras, mas somente expressões como “kkkkk” ou com muitas abreviações.

^{xiii} Nomes próprios podem aparecer com letra minúscula, devido ao Iramuteq não reconhecer letras maiúsculas. Antes do tratamento dos dados no software tivemos que retirar e modificar todos os nomes próprios que eram escritos com letra maiúscula.

^{xiv} Aqui o internauta logo corrigiu e acrescentou depois o nome da TV Brasil.

^{xv} Desde APRESENTADOR, HISTORIADORES (Ex.3) até FDP (Ex. 4), abreviatura para ofender.

^{xvi} Aqui apresentamos parte do comentário que é um pouco longo. É possível vê-lo na íntegra consultando o canal da TV Brasil, no YouTube, na exibição de 2014.

^{xvii} Os dois primeiros são canais que pertencem a indivíduos: o primeiro ao fotógrafo *Fernando Moura Peixoto*, canal com assuntos culturais; o segundo, *Tamuia Ateu Ita*, do jornalista russo Mirko Casale, discute fato políticos da atualidade.